

Pornografia e Uso de Preservativo entre Homens que Fazem Sexo com Homens

Matheus Svóboda Caruzo¹, José Augusto Evangelho Hernandez
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Rio de Janeiro-RJ, Brasil

RESUMO

Pornografia *bareback* refere-se à prática sexual sem preservativo e representa a categoria de pornografia mais consumida na internet. Este estudo investigou se o consumo deste tipo de pornografia aumenta as chances de envolvimento em relações anais sem preservativo entre homens gays e outros homens que fazem sexo com homens (HSH). A pesquisa contou com 1.790 participantes brasileiros e foram utilizados questionários *ad hoc* de consumo de pornografia, de comportamento sexual e a *Attitudes Towards Gay Male Pornography Scale-Revisada*. Análises de regressão logística demonstraram que a exposição frequente à pornografia *bareback* e a preferência por ela aumentaram a probabilidade de envolvimento em sexo anal desprotegido e de diagnóstico pregresso de Infecções Sexualmente Transmissíveis. A frequência de consumo de *bareback* mediou parcialmente a relação entre atitudes favoráveis ao *bareback* e uso de preservativo. Os resultados destacaram a importância de intervenções de saúde pública abordarem a influência da pornografia na prática sexual.

Palavras-chave: pornografia gay; *barebacking*; saúde sexual.

ABSTRACT – Pornography and Condom Use among Men Who Have Sex with Men

Bareback pornography refers to sexual practice without a condom and represents the most consumed category of pornography on the internet. This study investigated whether the consumption of this type of pornography increases the likelihood of engaging in unprotected anal sex among gay men and other men who have sex with men (MSM). The research included 1,790 Brazilian participants, and *ad hoc* questionnaires on pornography consumption, sexual behavior, and the Revised Attitudes Towards Gay Male Pornography Scale were used. Logistic regression analyses demonstrated that frequent exposure to bareback pornography and a preference for it increased the likelihood of engaging in unprotected anal sex and having a history of sexually transmitted infections. The frequency of bareback consumption partially mediated the relationship between favorable attitudes toward bareback and condom use. The results highlighted the importance of public health interventions addressing the influence of pornography on sexual practices.

Keywords: gay pornography; bareback; sexual health.

RESUMEN – Pornografía y Uso de Preservativo entre Hombres que Tienen Sexo con Hombres

La pornografía sin protección se refiere a las prácticas sexuales sin preservativo y es la categoría de pornografía más consumida en Internet. Este estudio investigó si el consumo de este tipo de pornografía aumenta la probabilidad de tener relaciones sexuales anales sin protección entre hombres gay y otros hombres que tienen sexo con hombres (HSH). El estudio incluyó a 1790 participantes brasileños y utilizó cuestionarios específicos sobre consumo de pornografía, comportamiento sexual y la *Attitudes Towards Gay Male Pornography Scale-Revisada*. Los análisis de regresión logística demostraron que la exposición frecuente y la preferencia por la pornografía sin protección aumentaron la probabilidad de tener relaciones sexuales anales sin protección y de haber sido diagnosticado previamente con infecciones de transmisión sexual. La frecuencia del consumo de pornografía sin protección medió parcialmente la relación entre las actitudes favorables hacia el sexo sin protección y el uso del preservativo. Los resultados destacaron la importancia de las intervenciones de salud pública para abordar la influencia de la pornografía en la práctica sexual.

Palabras clave: pornografía gay; sexo sin protección; salud sexual.

Pornografia e Uso de Preservativo entre Homens que Fazem Sexo com Homens

A pornografia, definida como qualquer material explícito destinado a provocar excitação sexual (Corneau & Meulen, 2014), é uma presença dominante

na sociedade contemporânea (Carrano & Castro, 2019). Facilitado pelos avanços tecnológicos e pela popularização da internet, o consumo de conteúdos pornográficos atingiu níveis globais elevados, com milhões de pessoas acessando diariamente (Pornhub, 2019). A pornografia na internet, em particular, refere-se ao uso das redes

¹ Endereço para correspondência: Rua São Francisco Xavier, 524, Bloco F, sala 10009, Maracanã, 20550-900, Rio de Janeiro, RJ. E-mail: psicaruzo@gmail.com
Artigo derivado da Tese de doutorado de Matheus Svóboda Caruzo com orientação de José Augusto Evangelho Hernandez, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

online para acessar material pornográfico, uma das formas mais prevalentes de consumo devido à sua conveniência e anonimato (Alarcón et al., 2019).

Especificamente, a pornografia gay se refere a qualquer tipo de material com representação explícita de nudez ou atividade sexual entre homens com o objetivo de estimular sexualmente o consumidor (Corneau et al., 2017). Discute-se na literatura científica que a pornografia pode se tornar um educador informal, influenciando as percepções e os comportamentos sexuais de homens gays e outros homens que fazem sexo com homens (HSH), dada a escassa educação sexual que considera essas relações específicas (Kubicek et al., 2010; 2011). Uma revisão sistemática discutiu a "educação pela pornografia" quanto ao aprendizado da mecânica do sexo e da compreensão da sexualidade, destacando sua relevância, sobretudo, para jovens gays (Litsou et al., 2021).

No espectro de modalidades pornográficas, uma das vertentes que merece destaque é a pornografia *bareback*. Esta categoria é caracterizada por práticas de relações anais sem preservativo e ejaculações dentro ou sobre o ânus e/ou genitália (*bareback*, *seeding*, *raw* e outras categorias; Corneau & Meulen, 2014). A presença do *bareback* é majoritária na pornografia popular consumida na internet (Wright, 2022) e estudos vêm tentando compreender como a sua normalização (Whitfield et al., 2018) e fetichização (Martins et al., 2021) podem gerar implicações significativas em comportamentos sexuais potencialmente de risco para Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs).

O comportamento sexual de risco é caracterizado por práticas que aumentam a probabilidade de transmissão de ISTs e outras consequências adversas à saúde sexual (Gomes & Lopes, 2022). Exemplos desses comportamentos incluem sexo sem o uso de preservativos, múltiplos parceiros casuais e a prática sexual sob a influência de substâncias psicoativas (Brasil, 2016). A Pesquisa Nacional de Saúde de 2019 indicou baixo uso de preservativo na população brasileira (Felisbino-Mendes et al., 2021). Dentre os objetivos da agenda de saúde pública e da pesquisa científica, consta o mapeamento de potenciais fatores de risco para comportamentos sexuais, especialmente em um contexto de crescimentos de ISTs na população (Brasil, 2020).

Neste sentido, discute-se que o consumo da pornografia *bareback* pode ser um fator de risco, haja vista seu potencial de normalizar práticas e predispor os indivíduos a desenvolverem atitudes favoráveis aos seus conteúdos, como demonstrado na metanálise de Tokunaga et al. (2020), envolvendo estudos de 18 países. Sabe-se que atitudes positivas em relação a um objeto levam a comportamentos consonantes (Albarracin & Shavitt, 2018). Sendo assim, um indivíduo que consome pornografia *bareback* pode desenvolver atitudes positivas em relação a essa prática. Tais posicionamentos favoráveis são, segundo a teoria, preditores de comportamentos

(Lima et al., 2023). Isto é, uma atitude positiva frente a comportamentos como o não uso do preservativo, cultivada pela exposição frequente à pornografia que retrata tais práticas como mais prazerosas, pode levar o indivíduo a adotar escolhas sexuais semelhantes na vida real (Corneau et al., 2017).

Diversos estudos discutem associações e modelos de direcionalidade entre o consumo de pornografia *bareback* e o comportamento sexual de risco entre homens gays e outros HSH (Jonas et al., 2014; Rahmayani et al., 2021; Rosser et al., 2013; Schrimshaw et al., 2016; Thai & Barlow, 2018). Por exemplo, os resultados de Whitfield et al. (2018) indicaram que o consumo de pornografia não se associou a desfechos de escolhas sexuais inseguras, mas o consumo de pornografia *bareback* sim. Embora a prática *bareback* seja também discutida através de uma perspectiva afirmativa (Mowlabocus et al., 2014), a literatura científica vêm indicando suas relações com comportamentos sexuais potencialmente de risco para saúde sexual dos indivíduos.

No Brasil, a produção sobre este recorte é limitada, especialmente por meio de metodologias quantitativas. Martins et al. (2021) avaliaram a influência do consumo de mídia sexualmente explícita (MSE) de modalidade *bareback* na prática de sexo anal sem preservativo por HSH. Os resultados indicaram que preferir cenas de *bareback* e considerar a prática *bareback* um fetiche aumentaram as chances de envolvimento em sexo anal sem preservativo. Outros estudos nacionais, como Lima e Couto (2022), discutem com metodologias qualitativas sobre o *bareback* como forma de subversão e resistência. Devido à relevância social deste problema de pesquisa, a parca produção científica no Brasil indica uma lacuna que deve ser preenchida.

O presente estudo investigou se o consumo de pornografia *bareback* aumenta as chances de envolvimento em relações anais sem preservativo entre homens gays e outros homens que fazem sexo com homens (HSH). Cinco hipóteses de pesquisa foram formuladas: H₁: Atitudes favoráveis à pornografia *bareback* serão preditores de menor frequência de uso de preservativo; H₂: Consumo de pornografia *bareback* será preditor de menor frequência de uso de preservativo; H₃: Atitudes favoráveis à pornografia *bareback* aumentarão as chances de não utilizar preservativo em relações anais casuais; H₄: Consumo de pornografia *bareback* aumentará as chances de não utilizar preservativo em relações anais casuais; e, H₅: O impacto de atitudes favoráveis à pornografia *bareback* no uso de preservativo em relações anais casuais será mediado pela frequência de consumo de pornografia *bareback*. Para tanto, este estudo se fundamentou no Modelo de Saúde Pública discutido por Bishop (2015), caracterizado por estudos que buscam compreender as relações entre o consumo de pornografia e aspectos epidemiológicos do comportamento sexual.

Esta pesquisa é relevante a nível científico, clínico e epidemiológico por diversas razões. Cientificamente, contribui para a compreensão das influências comportamentais e psicológicas da pornografia na vida dos indivíduos, oferecendo dados empíricos sobre como a exposição a pornografia *bareback* pode moldar atitudes e práticas sexuais. Clinicamente, os resultados esperados podem auxiliar profissionais de saúde no desenvolvimento de estratégias de educação sexual e intervenções voltadas para a redução de comportamentos sexuais de risco. Epidemiologicamente, pode ajudar a esclarecer as dinâmicas de transmissão de ISTs, ajudando a formular políticas públicas de saúde que visem à prevenção e controle dessas infecções. Ainda, o tema é socialmente relevante, pois aborda um aspecto massificado da cultura contemporânea (Statista, 2023). Sendo assim, espera-se que os resultados possam reverberar socialmente ao promover um diálogo mais informado e consciente sobre o consumo de pornografia.

Método

Participantes

Responderam à pesquisa 1.833 homens, por meio de amostra de conveniência. Os critérios de inclusão foram: ser maior de 18 anos, ser um homem gay ou outro HSH e assistir ou já ter assistido à pornografia gay na internet. Não houve critérios de exclusão. Após checagem dos critérios, a amostra foi reduzida para 1.790 participantes com idade entre 18 e 72 anos ($M=28,8$ anos; $DP=8,46$). Os respondentes foram de todos os estados brasileiros, sendo 4,4% residentes na região Norte ($n=78$), 23,6% na região Nordeste ($n=422$), 6,7% na região Centro-Oeste ($n=120$), 52,4% na região Sudeste ($n=938$), 11,8% na região Sul ($n=212$) e 1,1% eram brasileiros não residentes no Brasil ($n=20$).

Quanto à escolaridade, 19,7% possuíam grau de ensino médio ou abaixo ($n=352$), 25,9%, ensino superior incompleto ($n=464$), 26,2%, ensino superior completo ($n=469$) e 28,3%, especialização, mestrado ou doutorado ($n=505$). Os participantes se declararam 1,1% amarelos ($n=19$), 56,1% brancos ($n=1.005$), 0,6% indígenas ($n=10$), 30,2% pardos ($n=540$) e 12,1% pretos ($n=216$). Quanto ao status de relacionamento, 61,3% estavam solteiros ($n=1.097$), 21,6% em namoro ($n=386$), 10,8% em casamento ou união estável ($n=193$) e 6,4% em relacionamento aberto ($n=114$). A maioria dos participantes (79,7%) se declarou homem gay ($n=1.427$), mas houve participação de homens bissexuais ($n=322$, 18%) e outros HSH ($n=41$, 2,6%). Quanto ao comportamento sexual, 79% se relacionavam sexualmente apenas com homens ($n=1.414$), 11,1% principalmente com homens ($n=199$), 3,9% com homens e com mulheres ($n=70$), 1,4% principalmente com mulheres ($n=25$) e 4,6% relataram outro tipo ou inatividade sexual ($n=82$).

Instrumentos

Questionário Sociodemográfico. Questionário criado ad hoc com itens de caracterização sociodemográfica da amostra, incluindo idade, escolaridade, cor, estado de residência, status de relacionamento, orientação sexual e comportamento sexual.

Questionário de Consumo de Pornografia. Questionário criado ad hoc com itens incluindo frequência de consumo (variando de menos de 1 vez ao mês até 2 ou mais vezes ao dia), frequência de consumo de conteúdo *bareback* (nunca, raramente, às vezes, frequentemente ou sempre) e autopercepção de vício (com escala tipo Likert de cinco pontos variando de discordo a concordo).

Questionário de Comportamento Sexual. Dentre os muitos comportamentos sexuais classificados como potencialmente de risco (Gomes & Lopes, 2022), neste estudo o termo foi instrumentalizado através da avaliação do uso de preservativo em relações sexuais casuais, além do diagnóstico pregresso de IST contraída através de relação sexual sem preservativo. Para tanto, foram utilizados três itens elaborados com base na “Pesquisa de Comportamentos, Atitudes e Práticas da População Brasileira” (Brasil, 2016) e em estudos semelhantes, como Corneau et al. (2017) e Downing et al. (2017). Os itens mapeiam o uso de preservativo em relações sexuais nos últimos 12 meses e o diagnóstico pregresso de ISTs através de um padrão de resposta binário (sim ou não), e a frequência do uso de preservativo em relações sexuais casuais através de um padrão de resposta ordinal de cinco pontos (nunca, raramente, às vezes, frequentemente ou sempre).

Attitude Towards Gay Male Pornography- Revised (ATGPS-R). A ATGPS-R é um instrumento que mensura atitudes em relação à pornografia gay (Corneau et al., 2017; Caruzo & Hernandez, 2024). A ATGPS-R, composta por 18 itens divididos em cinco fatores, foi adaptada para o Brasil pelos pesquisadores deste artigo, apresentando ótimos índices de validade baseada na estrutura interna e consistência interna, com Alfa de Cronbach variando de 0,75 a 0,81. Foram utilizados quatro dos cinco fatores da escala, sendo eles: Pressão para se Adaptar, avaliando o quanto a pornografia gay pode criar modelos e estereótipos de corpo e performance sexual (“Eu gostaria de parecer fisicamente com um ator pornô gay”); Preferência por *Bareback*, medindo o posicionamento frente à ideia que pornografia gay sem preservativo é mais excitante (“A presença de camisinha na pornografia gay diminui a minha excitação sexual”); Aquisição de Conhecimento Sexual, avaliando as atitudes quanto à pornografia ser um educador de práticas sexuais (“A pornografia gay me ajuda a aprender o que podemos fazer nas relações sexuais entre homens”); e, Uso Problemático, envolvendo a autopercepção de uso excessivo e prejudicial de pornografia gay (“Eu considero que meu consumo de pornografia gay é prejudicial para mim”), totalizando 15 itens. Os itens foram respondidos a partir de

uma escala tipo Likert de cinco pontos, variando entre (1) “Concordo totalmente” e (5) “Discordo totalmente”. Na atual pesquisa, o fator Pressão para se Adaptar apresentou Alfa de Cronbach de 0,80, Preferência por *Bareback*, 0,76, Aquisição de Conhecimento Sexual, 0,81 e Uso Problemático, 0,82.

Procedimentos

A coleta de dados foi *online* por meio de um formulário no *Google Forms*, com tempo aproximado de 20 minutos. A divulgação da pesquisa ocorreu em mídias digitais e redes sociais (Instagram, Facebook e WhatsApp) com foco na população investigada, além de contato com grupos de pesquisa de universidades públicas e privadas do Brasil. A coleta ocorreu durante o mês de abril e primeira semana de maio de 2024.

Segundo os critérios da Ética na Pesquisa com Seres Humanos, esta pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética da instituição em que se encontra vinculada sob o número de protocolo 5.759.049. O participante leu e concordou com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para participar da pesquisa.

Análise de Dados

A análise de dados foi realizada através do *software* IBM SPSS Versão 27 (IBM Corp, 2020). Inicialmente, foram realizadas análises descritivas dos dados sociodemográficos, de consumo de pornografia e de comportamento sexual dos participantes. Em seguida, foi realizada uma análise de regressão linear múltipla (método *enter*) com o objetivo de investigar em que medida a frequência de consumo de pornografia, frequência de consumo de pornografia *bareback*, Pressão para se Adaptar, Preferência por *Bareback*, Aquisição de Conhecimento Sexual, Uso Problemático e vício em pornografia autopercebido impactavam na frequência do uso de preservativo em encontros sexuais casuais.

Na sequência, foram realizadas regressões logísticas binárias (método *enter*) com o objetivo de investigar em que medida o sexo anal desprotegido nos últimos 12 meses e o diagnóstico progresso de IST's devido a relações sexuais sem preservativo poderiam ser adequadamente previstos pela frequência de consumo de pornografia, frequência de consumo de pornografia *bareback*, Pressão para se Adaptar, Preferência por *Bareback*, Aquisição de Conhecimento Sexual, Uso Problemático e vício em pornografia autopercebido. Para a variável dependente sexo anal desprotegido nos últimos 12 meses, foram excluídos da análise os participantes que estavam em um relacionamento estável monogâmico ($n=690$). Diagnósticos de colinearidade foram realizados através do VIF, sendo valores de VIF maiores do que 10 indicativos de colinearidade. Técnicas de *bootstrapping* foram empregadas com o intuito de corrigir a distribuição dos resíduos.

Por fim, buscou-se investigar em que medida a frequência de consumo de pornografia *bareback* mediava a

relação entre Preferência por *Bareback* e uso de preservativo. Para tanto, foi realizada análise de mediação através do macro PROCESS 4.3.2, com intervalo de confiança *Bias-Corrected and Accelerated* (BCa) estimado pela técnica de *Bootstrapping* (5.000 re-amostragens). Todas as análises e pontos de corte foram baseadas em Myers e Myers (1990).

Resultados

Grande parte da amostra relatou assistir à pornografia entre uma e cinco vezes na semana ($n=765$, 42,7%), seguidos daqueles que assistiam seis ou sete vezes na semana ($n=408$, 22,8%), duas ou mais vezes por dia ($n=310$, 17,3%), entre uma e três vezes no mês ($n=222$, 12,4%) e menos de uma vez no mês ($n=85$, 4,7%). Quanto à frequência de consumo de pornografia *bareback*, 1.222 (68,2%) participantes relataram assistir sempre ou quase sempre, enquanto 458 (25,6%) assistiam às vezes e 110 (6,1%) nunca ou quase nunca. Enfim, 534 (29,8%) participantes concordaram parcialmente que estavam viciados em pornografia, enquanto 438 (24,5%) concordaram totalmente, 375 (20,9%) não concordaram ou discordaram, 203 (11,3%) discordaram parcialmente e 240 (13,4%) discordaram totalmente.

Aproximadamente 67% dos participantes relataram ter se envolvido em sexo anal sem preservativo nos últimos 12 meses ($n=1.197$) e aproximadamente 33% relataram não ter se envolvido ($n=593$). Quanto ao diagnóstico progresso de ISTs devido a relações sexuais sem preservativo, 35,5% relataram possuir ($n=635$) e 64,5% relataram não possuir ($n=1.155$). Por fim, 1.043 (58,3%) participantes relataram sempre ou quase sempre usar preservativo em relações sexuais casuais, 288 (16,1%) relataram utilizar às vezes, 313 (17,5%) relataram nunca ou quase nunca usar e 146 (8,2%) preferiram não responder.

Testes de Kolmogorov-Smirnov e Shapiro Wilk indicaram que não havia distribuição normal dos resíduos ($p<0,001$). Índices VIF não ultrapassaram 2,195, demonstrando que não havia multicolinearidade entre as variáveis analisadas. Nenhum caso apresentou Distância de Cook $>1,0$, indicando que não havia *outliers* que impactariam o modelo. Os resultados da regressão linear múltipla demonstraram haver uma influência significativa ($F(7, 1642)=34,355$, $p<0,001$; $R^2_{ajustado}=0,124$), mas apenas as variáveis preditoras frequência de consumo de pornografia *bareback* ($b=-0,148$, $t=-5,276$, $p<0,001$) e Preferência por *Bareback* ($b=-0,234$, $t=-8,369$, $p<0,001$) foram estatisticamente significativas.

O modelo de regressão logística binária foi estatisticamente significativo para a variável dependente sexo anal desprotegido nos últimos 12 meses [$\chi^2(7)=101,715$, $p<0,001$; Nagelkerke $R^2=0,109$]. O modelo também foi significativo para a variável dependente diagnóstico progresso de IST's [$\chi^2(7)=95,885$, $p<0,001$; Nagelkerke $R^2=0,072$]. A Tabela 1 apresenta a porcentagem de casos corretos total e por categoria.

Tabela 1

Classificações Previstas pelo Modelo de Regressão Logística

Valores Observados	Valores Preditos		
	Não	Sim	Classificações corretas (%)
Sexo Anal Desprotegido	Não	177	311
	Sim	129	594
Classificação correta			36,3
			82,2
			63,7
Diagnóstico pregresso de IST	Não	1063	92
	Sim	514	121
Classificação correta			92
			19,1
			66,1

Para a variável dependente sexo anal desprotegido nos últimos 12 meses, frequência de consumo de pornografia *bareback*, Pressão para se Adaptar e Preferência por *Bareback* tiveram impacto estatisticamente significativo. Cada ponto no escore de frequência de consumo de pornografia *bareback* aumentou 1,48 vezes as chances de o indivíduo praticar sexo anal desprotegido. Cada ponto em Preferência por *Bareback* aumentou 1,10 vezes as chances de o indivíduo praticar sexo anal desprotegido. Cada ponto em Pressão para se Adaptar aumentou 0,93 vezes as chances de o indivíduo praticar sexo anal desprotegido (Tabela 2).

Para a variável dependente diagnóstico pregresso de IST's, foram significativas a frequência de consumo de pornografia *bareback*, Pressão para se Adaptar, Preferência por *Bareback* e Aquisição de Conhecimento (Tabela 2). Cada ponto no escore de frequência de consumo de pornografia *bareback* aumentou 1,22 vezes as chances de o indivíduo possuir diagnóstico de IST. Cada ponto em Preferência por *Bareback* aumentou 1,11 vezes as chances de o indivíduo possuir diagnóstico de IST. Cada ponto em Aquisição de Conhecimento aumentou 0,97 vezes as chances de o indivíduo possuir diagnóstico de IST. Enfim, cada ponto em Pressão para se Adaptar aumentou 0,95 vezes as chances de o indivíduo possuir diagnóstico de IST.

Tabela 2

Variáveis Predictoras de Sexo Anal Desprotegido nos Últimos 12 Meses e Diagnóstico Progresso de Infecções Sexualmente Transmissíveis

	Wald	df	p	Exp(B)	95% I.C. para EXP(B)	
					Limite Inferior	Limite Superior
Sexo anal desprotegido nos últimos 12 meses (n=1.211)						
FPorn	0,572	1	0,449	1,051	0,924	1,195
FBareback*	23,982	1	0,000	1,482	1,266	1,735
PA*	13,420	1	0,000	0,939	0,907	0,971
PB*	16,240	1	0,000	1,101	1,051	1,153
ACS	3,157	1	0,076	0,967	0,932	1,003
UP	0,403	1	0,526	0,987	0,947	1,028
Vício	0,352	1	0,553	0,960	0,838	1,099
Constant	2,278	1	0,131	0,575	-	-
Diagnóstico progresso de IST (n=1.790)						
FPorn	0,732	1	0,392	1,048	0,941	1,167
FBareback**	8,450	1	0,004	1,222	1,068	1,400
PA*	12,169	1	0,000	0,952	0,925	0,978
PB*	28,548	1	0,000	1,110	1,069	1,154
ACS***	4,061	1	0,044	0,970	0,941	0,999
UP	1,722	1	0,189	0,978	0,945	1,011
Vício	0,379	1	0,538	0,966	0,865	1,079
Constant	11,543	1	0,001	0,355	-	-

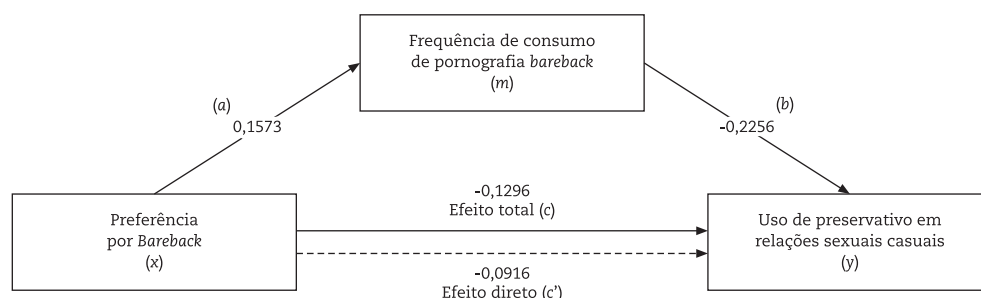
Nota. FPorn=frequência de consumo de pornografia; FBareback=frequência de consumo de pornografia *bareback*; PA=Pressão Percebida para se Adaptar; PB=Preferência por *Bareback*; ACS=Aquisição de Conhecimento Sexual; UP=Uso Problemático; Vício=autopercepção de vício em pornografia; *=significativo a nível $p<0,001$; **=significativo a nível $p<0,01$; ***=significativo a nível $p<0,05$

O efeito da mediação (efeito indireto) foi significativo, com mediação parcial ($b = -0,03$, 95%IC $[-0,04 - 0,02]$). Como demonstra a Figura 1, a frequência de

consumo de pornografia *bareback* mediou aproximadamente 29% da relação entre Preferência por *Bareback* e uso de preservativo $[1 - (\text{efeito direto/efeito total})]$.

Figura 1

Modelo de Preferência por Bareback como preditor de uso de preservativo, mediado pela frequência de consumo de pornografia



Discussão

O objetivo deste estudo foi investigar se o consumo de pornografia *bareback* pode aumentar as chances de envolvimento em relações sexuais casuais sem preservativo entre homens gays e outros HSH. As análises mostraram que tanto a frequência de consumo de pornografia *bareback* quanto as atitudes favoráveis a ela influenciaram significativamente a frequência de uso de preservativos e o diagnóstico pregresso de ISTs devido a relação sexual sem preservativo. As hipóteses H_1 e H_2 , que propuseram que as atitudes favoráveis à pornografia *bareback* e a frequência de consumo deste tipo de pornografia seriam preditores de menor frequência de uso de preservativos em relações sexuais casuais, foram confirmadas. A análise de regressão linear múltipla demonstrou que a Preferência por *bareback* (que reflete atitudes favoráveis) e a frequência de consumo de pornografia *bareback* tiveram impacto significativo na redução da frequência de uso de preservativos. Já os resultados da regressão logística acataram às hipóteses H_3 e H_4 , que previam que atitudes favoráveis à pornografia *bareback* e a frequência de consumo deste tipo de pornografia aumentariam as chances do não uso de preservativo em relações sexuais anais nos últimos 12 meses e de possuir diagnóstico pregresso de ISTs devido à relação sexual sem preservativo.

Embora os efeitos observados sejam relativamente fracos, eles não são inexistentes. Torna-se plausível discutir que atitudes favoráveis ao *bareback* estão associadas a desfechos de saúde como o sexo anal desprotegido e ISTs, assim como discutidos em outros achados nacionais (Martins et al., 2021) e internacionais (Jonas et al., 2014; Rahmayani et al., 2021; Schrimshaw et al., 2016; Thai & Barlow, 2018). A Teoria da Atitude oferece um arcabouço teórico relevante para compreender esses

achados, postulando que atitudes positivas em relação a um comportamento aumentam a probabilidade de sua realização (Lima et al., 2023). No presente estudo, atitudes favoráveis à pornografia *bareback* foram preditores significativos de comportamentos sexuais semelhantes, corroborando a teoria.

É importante destacar, contudo, que os dados analisados sugerem que a frequência de consumo de pornografia, por si só, não se associou aos desfechos relacionados a potenciais comportamentos de risco. Por outro lado, a preferência e o consumo de pornografia *bareback*, sim. Whitfield et al. (2018) discutem este tópico, destacando que o problema não reside na pornografia em geral, mas na normalização de certas práticas na maioria dos conteúdos pornográficos. Ainda, Uso Problemático e vício autopercebido em pornografia não foram preditores do uso de preservativo, possibilitando a discussão sobre as relações entre a pornografia *bareback* e o uso de preservativo não serem dependentes de um comportamento compulsivo ou problemático em relação ao consumo de materiais pornográficos.

Finalmente, a hipótese H_5 , que sugeriu que o impacto de atitudes favoráveis à pornografia *bareback* no uso de preservativo em relações sexuais casuais seria mediado pela frequência de consumo de pornografia *bareback*, foi corroborada pela análise de mediação. Este resultado indicou que a frequência de consumo de pornografia *bareback* não apenas tem relação direta com o uso de preservativo, mas também amplifica o impacto das atitudes favoráveis frente a esse tipo de pornografia. Sendo assim, é possível discutir que a preferência por não ver preservativos em vídeos pornográficos por si só pode não necessariamente se traduzir em um comportamento semelhante sem a influência do consumo frequente desse tipo de conteúdo.

Entretanto, embora o consumo habitual possa reforçar atitudes favoráveis a práticas sexuais potencialmente de risco e aumentar a probabilidade de tais comportamentos, a preferência por pornografia *bareback* pode não estar necessariamente relacionada a um comportamento semelhante, sendo possivelmente compreendida como uma fantasia causada por preocupações reais com os quais os homens gays e outros HSH lidam diariamente (Mowlabocus et al., 2014), ou uma espécie de fetiche causado pelo tabu em relação ao tema (Corneau & Meulen, 2014). Além disso, é importante destacar que a preferência por conteúdos *bareback* não foi o único fator que impactou o comportamento sexual de risco nos resultados deste estudo. A pressão para se Adaptar e a Aquisição de Conhecimento Sexual também desempenharam um papel significativo. Pode-se discutir que outros aspectos da pornografia, para além do uso de preservativos, podem também aumentar as chances de um indivíduo se envolver em relações sexuais sem uso de preservativo. Isso inclui a tentativa de se enquadrar em padrões estéticos e de performance presentes na pornografia, bem como seu uso para aprender sobre práticas sexuais entre homens (Corneau et al., 2017).

Deve-se destacar que o problema não reside apenas no uso do preservativo, mas em todo o contexto envolvido na produção de tais vídeos pornográficos, frequentemente consensuais (Corneau & Meulen, 2014), mas frequentemente envolvendo cenários e estéticas de casualidade, encontros entre desconhecidos, múltiplos parceiros/sexo grupal, e, muitas vezes, associando essas interações à violência, como indicado nas categorias de pornografia mais consumidas anualmente, disponíveis em revisões anuais de plataformas como a Pornhub (2022). Ainda assim, discute-se como estas práticas na pornografia são experienciadas como formas de subversão e resistência (Lima & Couto, 2022). Portanto, é importante não associar o risco somente à ausência de preservativo, assim como não estigmatizar práticas sexuais específicas, mas criticar o contexto e as variáveis associadas a como elas são retratadas na pornografia, além de seu potencial de influenciar negativamente as percepções e atitudes dos espectadores em relação ao sexo casual seguro e consensual.

Esses achados têm implicações importantes para a epidemiologia e a saúde pública, especialmente no contexto brasileiro, que enfrenta desafios consideráveis na prevenção de ISTs e na promoção de práticas sexuais seguras (Brasil, 2020; Felisbino-Mendes et al., 2021). Por tal motivo, políticas públicas devem incentivar pesquisas contínuas sobre o impacto da pornografia nos comportamentos sexuais, visando a desenvolver abordagens mais eficazes de promoção da saúde sexual (Downing et al., 2018). A discussão sobre o impacto da

pornografia deve considerar não apenas a frequência de consumo, mas também a natureza dos conteúdos consumidos. Programas de educação sexual e campanhas de saúde pública precisam abordar os riscos associados à normalização de práticas específicas performadas na pornografia, promovendo uma maior conscientização sobre o tema.

Este estudo contribui com dados empíricos para a compreensão do impacto do consumo de pornografia no comportamento sexual de homens gays e outros HSH. Ao demonstrar que tanto a frequência de consumo quanto as atitudes favoráveis à pornografia *bareback* estão associadas a uma menor frequência de uso de preservativos e a um maior risco de diagnóstico de ISTs, este trabalho evidencia a necessidade de intervenções direcionadas a essas questões específicas. Ainda assim, limitações como a amostra por conveniência e a coleta de dados *online* devem ser destacadas. Futuros pesquisadores poderão explorar outras variáveis envolvidas nas relações destacadas neste estudo, como possíveis diferenças sociodemográficas no comportamento sexual de risco. Abordagens que simplesmente condenem o consumo de pornografia podem ser menos eficazes do que aquelas que educam sobre a variedade de conteúdos e seus potenciais impactos nas atitudes e comportamentos dos indivíduos.

Agradecimentos

Não há menções.

Financiamento

Todas as fontes de financiamento para elaboração e produção do estudo (coleta, análise e interpretação dos dados, bem como, escrita dos resultados no presente no manuscrito) foram fornecidas por bolsa de doutorado Capes.

Contribuições dos autores

Declaramos que todos os autores participaram da elaboração do manuscrito.

Disponibilidade de dados e materiais

Todos os dados e sintaxes gerados e analisados durante esta pesquisa serão tratados com total sigilo devido às exigências do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos. Porém, o conjunto de dados e sintaxes que apoiam as conclusões deste artigo estão disponíveis mediante razoável solicitação ao autor principal do estudo.

Conflitos de interesses

Os autores declaram que não há conflitos de interesses.

Referências

- Alarcón, R., de la Iglesia, J. I., Casado, N. M., & Montejo, A. L. (2019). Online porn addiction: What we know and what we don't—A systematic review. *Journal of Clinical Medicine*, 8(1), 91. <https://doi.org/10.3390/jcm8010091>
- Albaracin, D., & Shavitt, S. (2018). Attitudes and attitude change. *Annual Review of Psychology*, 69(1), 299-327. <https://doi.org/10.1146/annurev-psych-122216-011911>
- Bishop, C. J. (2015). 'Cocked, locked and ready to fuck?': A synthesis and review of the gay male pornography literature. *Psychology & Sexuality*, 6(1), 5-27. <https://doi.org/10.1080/19419899.2014.983739>
- Brasil (2020). *Ministério da Saúde. Boletim Epidemiológico HIV/AIDS*. Brasília: Ministério da Saúde. 2020. <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2020/boletim-epidemiologico-hiv-aids-2020>
- Brasil. (2016). *Pesquisa de conhecimento, atitudes e práticas na população brasileira*. Ministério da Saúde. <http://antigo.aids.gov.br/pt-br/pub/2016/pesquisa-de-conhecimentos-atitudes-e-praticas-na-populacao-brasileira-pcap-2013>
- Carrano, J., & Castro, J. (2019). Pornografia na Internet. In A. Nuna. & M. A. Penido, *Relacionamentos Amorosos na Era Digital* (pp. 113-123). São Paulo: Editora dos Editores.
- Caruzo, M. S., & Hernandez, J. A. E. (2024). Adaptation of the Attitudes Towards Gay Male Pornography Scale for Brazil. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 34, e3423. <https://doi.org/10.1590/1982-4327e3423>
- Corneau, S., & Van der Meulen, E. (2014). Some like it mellow: On gay men complicating pornography discourses. *Journal of Homosexuality*, 61(4), 491-510. <https://doi.org/10.1080/00918369.2014.865452>
- Corneau, S., Beaulieu-Prévost, D., Bernatchez, K., & Beauchemin, M. (2017). Gay male pornography: A study of users' perspectives. *Psychology & Sexuality*, 8(3), 223-245. <https://doi.org/10.1080/19419899.2017.1360931>
- Downing, M. J., Antebi-Gruszka, N., Schrimshaw, E. W., & Hirshfield, S. (2018). If you film it will they watch? Factors associated with willingness to view safer sex messaging in internet-based sexually explicit media. *AIDS and Behavior*, 22(4), 1295-1312. <https://doi.org/10.1007/s10461-017-1971-7>
- Downing, M. J., Schrimshaw, E. W., Scheinmann, R., Antebi-Gruszka, N., & Hirshfield, S. (2017). Sexually explicit media use by sexual identity: A comparative analysis of gay, bisexual, and heterosexual men in the United States. *Archives of Sexual Behavior*, 46(6), 1763-1776. <https://doi.org/10.1007/s10508-016-0837-9>
- Felisbino-Mendes, M. S., Araújo, F. G., Oliveira, L. V. A., Vasconcelos, N. M. D., Vieira, M. L. F. P., & Malta, D. C. (2021). Comportamento sexual e uso de preservativos na população brasileira: análise da Pesquisa Nacional de Saúde, 2019. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 24, e210018. <https://doi.org/10.1590/1980-549720210018.supl.2>
- Gomes, N. L., & Lopes, C. D. S. (2022). Panorama dos comportamentos sexuais de risco na população adulta brasileira-PNS 2019. *Revista de Saúde Pública*, 56, 61. <https://doi.org/10.11606/S01518-8787.2022056004007err>
- IBM Corp (2020). *IBM SPSS Statistics for Windows*, Version 27.0. IBM Corp.
- Jonas, K. J., Hawk, S. T., Vastenburg, D., & de Groot, P. (2014). "Bareback" pornography consumption and safe-sex intentions of men having sex with men. *Archives of Sexual Behavior*, 43(4), 745-753. <https://doi.org/10.1007/s10508-014-0294-2>
- Kubicek, K., Beyer, W. J., Weiss, G., Iverson, E., & Kipke, M. D. (2010). In the dark: Young men's stories of sexual initiation in the absence of relevant sexual health information. *Health Education & Behavior*, 37(2), 243-263. <https://doi.org/10.1177/1090198109339993>
- Kubicek, K., Carpineto, J., McDavitt, B., Weiss, G., & Kipke, M. D. (2011). Use and perceptions of the Internet for sexual information and partners: A study of young men who have sex with men. *Archives of Sexual Behavior*, 40, 803-816. <https://doi.org/10.1007/s10508-010-9666-4>
- Lima, D. M., & Couto, E. S. (2022). Prazer e Risco: Corpos e Pedagogias Bareback no Twitter. *Contrapontos*, 22(1), 8-27. <https://doi.org/10.14210/contrapontos.v22n1.p8-27>
- Lima, T. J. S., Souza, L. E. C., Modesto, J. G. (2023). Atitudes. In A. R. R. Torres, M. E. O. Lima, E. M. Techio, & L. Camino, *Psicologia Social: Temas e Teorias*, 3ª versão Revisada e Ampliada (pp. 172-202). Blucher Open Access. <https://doi.org/10.5151/9786555502046>
- Litsou, K., Byron, P., McKee, A., & Ingham, R. (2021). Learning from pornography: Results of a mixed methods systematic review. *Sex Education*, 21(2), 236-252. <https://doi.org/10.1080/14681811.2020.1786362>
- Martins, A. D. A., Queiroz, A. A. F. L. N., Frota, O. P., Araújo, T. M. E. D., Mendes, I. A. C., et al. (2021). Consumption of sexually explicit media and unprotected anal sex in men who have sex with men. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26, 5841-5849. <https://doi.org/10.1590/1413-812320212611.30532020>
- Mowlabocus, S., Harbottle, J., & Witzel, C. (2014). What we can't see? Understanding the representations and meanings of UAI, barebacking, and semen exchange in gay male pornography. *Journal of Homosexuality*, 61(10), 1462-1480. <https://doi.org/10.1080/00918369.2014.928581>
- Myers, R. H., & Myers, R. H. (1990). *Classical and modern regression with applications* (Vol. 2, p. 488). Belmont, CA: Duxbury Press.
- Pornhub (2019). *Review anual do site de 2019*. <https://www.pornhub.com/insights/2019-year-in-review>
- Pornhub (2022). *Review anual do site de 2022*. <https://www.pornhub.com/insights/2022-year-in-review>
- Rahmayani, M., Waluyo, A., & Maria, R. (2021). Sexual violence experiences and pornography media exposure with sexual risk behavior among PLWHA MSM in Bandung, Indonesia. *Journal of Public Health Research*, 10(1), s-p. <https://doi.org/10.4081/jphr.2021.2338>
- Rosser, B. R., Smolenski, D. J., Erickson, D., Iantaffi, A., Brady, S. S., et al. (2013). The effects of gay sexually explicit media on the HIV risk behavior of men who have sex with men. *AIDS and Behavior*, 17(4), 1488-1498. <https://doi.org/10.1007/s10461-013-0454-8>
- Schrimshaw, E. W., Antebi-Gruszka, N., & Downing Jr, M. J. (2016). Viewing of internet-based sexually explicit media as a risk factor for condomless anal sex among men who have sex with men in four US cities. *PloS One*, 11(4), e0154439. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0154439>
- Statista. (2023). *Market size of the online pornographic and adult content industry in the United States from 2018 to 2023*. <https://www.statista.com/statistics/1371582/value-online-website-porn-market-us/>
- Thai, M., & Barlow, F. K. (2018). Bareback sexually explicit media consumption and men who have sex with men's responses to sexual partners who prefer anal intercourse with or without condoms. *Archives of Sexual Behavior*, 48(4), 1191-1201. <https://doi.org/10.1007/s10508-018-1182-y>
- Tokunaga, R. S., Wright, P. J., & Vangeel, L. (2020). Is pornography consumption a risk factor for condomless sex?. *Human Communication Research*, 46(2-3), 273-299. <https://doi.org/10.1093/hcr/hqaa005>

- Whitfield, T. H., Rendina, H. J., Grov, C., & Parsons, J. T. (2018). Sexually explicit media and condomless anal sex among gay and bisexual men. *AIDS and Behavior*, 22, 681-689. <https://doi.org/10.1007/s10461-017-1952-x>
- Wright, P. J. (2022). Pornography consumption and condomless sex among emerging US adults: Results from six nationally representative surveys. *Health Communication*, 37(14), 1740-1747. <https://doi.org/10.1080/10410236.2021.1917745>

recebido em agosto de 2024
aprovado em maio de 2025

Sobre os autores

Matheus Svóboda Caruzo é Psicólogo, Mestre e doutorando no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

José Augusto Evangelho Hernandez é Mestre, Doutor e Pós-doutor em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Coordenador do Laboratório de Medidas em Psicologia (LABMEDI/UERJ).

Como citar este artigo

Caruzo, M. S., & Hernandez, J. A. E. (2025). Pornografia e Uso de Preservativo entre Homens que Fazem Sexo com Homens. *Avaliação Psicológica*, 24, nº especial 1, e25582, 1-9. <http://doi.org/10.15689/ap.2025.24.e25582>